

'Avolta ao mundo em 80 dias'

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

O 'Nexo' publica trecho inédito da edição comentada e ilustrada de Jules Verne, com nova tradução de André Telles, que mostra a vida do personagem Phileas Fogg ao arriscar sua fortuna para fazer uma volta ao mundo em 80 dias. No ano de 1872, a casa número 7 de Savile Row, Burlington Gardens - casa onde Sheridan morreu em 1814 -, era habitada por Phileas Fogg, membro dos mais singulares e falados do Reform Club, de Londres, embora parecesse fazer de tudo para não chamar a atenção em nada. A um dos maiores oradores que honram a Inglaterra sucedia, portanto, esse Phileas Fogg, personagem enigmático, a cujo respeito nada se sabia senão tratar-se de homem refinado e de um dos mais formosos gentlemen da alta sociedade inglesa. Diziam-no parecido com Byron - no tocante à cabeça, pois era impecável nos pés -, mas um Byron de bigode e suíças, um Byron impassível, que tivesse vivido mil anos sem dar sinais de envelhecer. Tipicamente inglês, Phileas Fogg talvez não fosse londrino. Nunca foi visto na Bolsa, nem no Banco, nem em nenhuma das repartições da City. Tampouco as marinas ou as docas de Londres haviam recebido navio cujo armador fosse Phileas Fogg. Esse gentleman não figurava em nenhum conselho de administração. Seu nome nunca ecoara numa banca de advogados, nem no Temple, nem em Lincoln's Inn, nem em Gray's Inn. Nunca sofrera nenhum processo nem no Tribunal do Chanceler, nem no da Rainha, nem no Exchequer, ou qualquer tribunal eclesiástico. Não era nem industrial, nem negociante, nem comerciante, nem agricultor. Não fazia parte nem do Instituto Real da Grã-Bretanha, nem do Instituto de Londres, nem do Instituto dos Manufatureiros, nem do Instituto Russell, nem do Instituto Literário do Ocidente, nem do Instituto dos Advogados, nem tampouco do Instituto de Artes e Ciências Reunidas, patrocinado diretamente por Sua Graciosa Majestade. Não pertencia enfim a nenhuma das incontáveis agremiações que pululam na capital da Inglaterra, desde a Sociedade de l'Armonica até a Sociedade Entomológica, criada com a finalidade precípua de dar cabo dos insetos nocivos. Phileas Fogg era membro do Reform Club, ponto-final. A quem porventura surpreenda gentleman tão misterioso fazer parte dos quadros dessa ilustre associação, responderemos que nela entrou por recomendação dos irmãos Baring, em cujo estabelecimento gozava de crédito ilimitado. Onde certa "respeitabilidade" de Phileas Fogg, sem dúvida contribuindo para isso o fato de seus cheques serem descontados sem qualquer problema de sua conta-corrente, invariavelmente no azul. Era Phileas Fogg rico? Incontestavelmente. Porém, como fizera fortuna é o que nem os mais bem-informados saberiam dizer, sendo Mr. Fogg a última pessoa a quem convinha dirigir-se para indagá-lo. Em todo caso, não era nada pródigo, embora tampouco avaro fosse, pois sempre que faltava uma cota para uma causa nobre, útil ou generosa, ele contribuía silenciosa e, até mesmo, anonimamente. Em suma, ninguém menos comunicativo do que esse gentleman. Também falava o mínimo possível e parecia tão misterioso quanto lacônico. Embora sua vida fosse um livro aberto, ele fazia tão matematicamente e sempre a mesma coisa que, insatisfeita, a imaginação procurava além. Viajara? É provável, pois ninguém dominava o mapa-múndi melhor do que ele. Não havia lugar, por mais remoto que fosse, sobre o qual ele não parecesse ter um conhecimento especial. Às vezes, mas em poucas frases, concisas e claras, corrigia os mil rumores que circulavam no clube a respeito de viajantes perdidos ou extraviados; indicava as verdadeiras probabilidades e suas palavras, de tal forma os fatos terminavam sempre por justificá-las, às vezes soavam como que inspiradas por um sexto sentido. Era um homem que devia ter viajado por todos os quadrantes - mentalmente, pelo menos. O que era incontestável é que fazia muitos anos que Phileas Fogg não saía de Londres. Os que tinham a honra de conhecê-lo um pouco mais de perto afirmavam que - excetuando-se o trajeto retilíneo que ele percorria diariamente para ir de sua casa ao clube - ninguém jamais o vira alhures. Seu único passatempo era ler os jomais e jogar whist. Nesse jogo silencioso, tão afeito ao seu temperamento, ele ganhava assiduamente, mas esses ganhos nunca entravam em sua carteira, representando parcela significativa de seu orçamento beneficente. Era manifesto, aliás, que Mr. Fogg jogava por jogar, e não para ganhar. O jogo, para ele, era um combate, uma luta contra uma dificuldade, porém uma luta sem movimento, sem deslocamento, sem fadiga, o que condizia com sua natureza. Phileas Fogg não tinha mulher nem filhos - o que pode acontecer às pessoas mais honestas -, nem parentes, nem amigos - o que, havemos de convir, é mais raro. Phileas Fogg morava sozinho em sua casa de Savile Row, onde ninguém penetrava. De sua vida íntima, não se falava. Um único criado bastava para servi-lo. Almoçando e jantando no clube em horários cronometricamente determinados, na mesma sala, à mesma mesa, não recebia colegas nem convidava estranhos, só retomando ao lar, para se recolher, à meia-noite em ponto, sem jamais recorrer aos confortáveis quartos que o Reform Club disponibilizava para seus sócios. Das vinte e quatro horas do dia, dez ele passava em seu domicílio, fosse para dormir ou cuidar da toalete. Quando passeava, era invariavelmente num passo ritmado, na sala de entrada assoalhada em marchetaria ou na galeria circular, por sobre a qual se abobadava uma cúpula com vitrais azuis, sustentada por vinte colunas jônicas em pórfiro vermelho. Quando jantava ou almoçava, eram as cozinhas, o guarda-comida, a copa, a peixaria e a leiteria do clube que forneciam à sua mesa seus suculentos pratos; eram os criados do clube, graves indivíduos trajando casaca preta e calçando sapatos com solas acolchoadas, que o serviam em louça especial e sobre admirável toalha em cambraia da Saxônia; eram os cristais refinados do clube que continham seu sherry, seu porto ou seu claret temperado com canela, avenca e cinamomo; era, por fim, o gelo do clube - importado dos lagos americanos a peso de ouro - que conservava suas bebidas numa temperatura satisfatória. Se viver nessas condições é ser um excêntrico, vemo-nos obrigados a concordar que a excentricidade tem seu lado bom! A casa de Savile Row, sem ser suntuosa, primava pelo extremo conforto. Aliás, considerando a invariável rotina de seu ocupante, o serviço doméstico era reduzido. Em compensação, Phileas Fogg exigia de seu único criado uma pontualidade e uma disciplina extraordinárias. Naquele mesmo dia, 2 de outubro, Phileas Fogg demitira James Forster - o moço tendo sido condenado por ter lhe trazido a água da barba a 84° Fahrenheit em vez de a 86 - e aguardava seu substituto, que devia se apresentar entre onze e onze e trinta da manhã. Phileas Fogg, perfeitamente sentado em sua poltrona, com os dois pés paralelos como os de um soldado na parada, mãos pousadas nos joelhos, corpo espigado e cabeça erguida, observava a marcha do ponteiro do relógio de parede - aparelho complicado que indicava a hora, o minuto, o segundo, o dia, o mês e o ano. Às onze e meia em ponto, conforme sua rotina invariável, Mr. Fogg sairia de casa rumo ao Reform Club. Naquele momento, bateram à porta da saleta onde Phileas Fogg aguardava. Jules Verne é um dos principais romancistas franceses, que ajudou a fundar um novo gênero literário, a ficção científica. Escreveu dramas históricos, comédias ligeiras e libretos de operetas e publicou algumas de suas histórias de viagens em revistas, antes de ter seus romances lançados como livros. Autor dos clássicos "Viagem ao centro da Terra", "A volta ao mundo em 80 dias" e "20 mil léguas submarinas", entre outros, é o escritor mais traduzido em toda a história. A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS Jules Verne Tradução de André Telles Apresentação de Joca Reiners Terron Editora Zahar 239 páginas Lançamento previsto para fevereiro